



UEPB

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE PEDAGOGIA
CURSO DE PEDAGOGIA**

MARIA CARULINE FERREIRA DE SALES

**AULAS REMOTAS: UM ESTUDO EXPLORATÓRIO NA COMUNIDADE DE
ZUMBI - ALAGOA GRANDE - PB**

**GUARABIRA - PB
2021**

MARIA CARULINE FERREIRA DE SALES

**AULAS REMOTAS: UM ESTUDO EXPLORATÓRIO NA COMUNIDADE DE
ZUMBI - ALAGOA GRANDE - PB**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado ao Departamento do Curso Pedagogia do Centro de Humanidades da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), como requisito parcial à obtenção do título de graduada em Pedagogia.

Orientador: Prof.^a. Dr.^a. Mônica de Fátima Silva Cavalcante Pereira

**GUARABIRA - PB
2021**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S163a Sales, Maria Caruline Ferreira de.
Aulas remotas [manuscrito] : um estudo exploratório na comunidade de Zumbi - Alagoa Grande - PB / Maria Caruline Ferreira de Sales. - 2021.
32 p.
Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2021.
Orientação : Profa. Dra. Mônica de Fátima Silva Pereira Cavalcante, Coordenação do Curso de Pedagogia - CH.
1. Covid-19. 2. Educação remota. 3. Escola pública. I.
Título

21. ed. CDD 370

MARIA CARULINE FERREIRA DE SALES

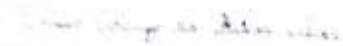
**AULAS REMOTAS: UM ESTUDO EXPLORATORIO NA COMUNIDADE DE
ZUMBI-ALAGOA GRANDE/PB**


Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo)
apresentado ao Departamento do Curso de
Pedagogia do Centro de Humanidades da
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB),
como requisito parcial à obtenção do título de
graduada em Pedagogia.

Aprovado em 01/09/2021

BANCA EXAMINADORA


Prof.ª Dr.ª Mônica de Fátima Silva Pereira Cas Meante (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Prof.ª Dr.ª Tais de Araujo da Silva Alves
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Prof.ª Dr.ª Mônica de Fátima Guedes
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Agradeço a Deus por permitir que eu chegasse até aqui, superando todos os obstáculos ao longo do curso. Aos professores pelos ensinamentos, a minha orientadora por todo suporte e compreensão. A algumas colegas que me ajudaram quando foi preciso. Dedico aos meus pais, por toda compreensão durante minha trajetória acadêmica.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	08
1.1	Justificando a pesquisa	10
1.2	Metodologia	11
1.3	Objetivos geral e específico	13
1.4	Lócus da pesquisa	13
1.5	Sobre amostra da pesquisa	16
2	O QUE DIZEM OS ESTUDIOSOS SOBRE O ENSINO REMOTO E A PANDEMIA DO COVID NO BRASIL	16
3	TRATANDO AS INFORMAÇÕES SOBRE O QUESTIONÁRIO APLICADO COM ALUNOS	19
4	TRATANDO AS INFORMAÇÕES SOBRE O QUESTIONÁRIO APLICADO COM PROFESSORES	25
5	TRATANDO AS INFORMAÇÕES SOBRE O QUESTIONÁRIO APLICADO COM OS PAIS	29
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	31
	REFERÊNCIAS	33

**AULAS REMOTAS: UM ESTUDO EXPLORATORIO NA COMUNIDADE DE
ZUMBI - ALAGOA GRANDE - PB**

**REMOTE CLASSES: A STUDY IN EXPLORATORY THE COMMUNITY OF
ZUMBI- ALAGOA GRANDE/PB**

Maria Caruline Ferreira de Sales *

RESUMO

O referido artigo é resultado de uma pesquisa na EMEIF Cândido Régis de Brito na comunidade de Zumbi, do município de Alagoa Grande na Paraíba. Propõe-se a discutir o contexto atual em que a pandemia do coronavírus afetou a educação do país e provocou inúmeros desafios nas escolas públicas e, mais especificamente, para os alunos pobres. Provocou ainda grandes desafios para os professores que, sem o domínio da tecnologia, precisaram se adaptar em tempo recorde à realidade virtual para pôr em prática aulas remotas ou híbridas. Neste trabalho busca-se analisar as adequações realizadas no sistema de ensino do município citado e como estas adequações foram enfrentadas por professores, alunos e pais da escola escolhida. Para tanto, foi aplicado um questionário virtual direcionado a um grupo de pais, alunos e professores da escola, cujos resultados foram transformados em gráficos e analisados individualmente. Os resultados obtidos apontam que as aulas remotas, nos moldes em que foram desenvolvidas, são excludentes, não garantem a aprendizagem dos alunos, perdem em termos de qualidade e dificultam o acesso. Assim, é possível afirmar que após esse longo período de aulas remotas, o sistema educacional analisado terá um grande desafio após pandemia para reparar as perdas dos alunos.

Palavras-chave: COVID-19. Educação remota. Escola pública.

ABSTRACT

This article is the result of a research made at the EMEIF Cândido Régis de Brito in the community of Zumbi, in the city of Alagoa Grande in Paraíba. It aims to discuss the current context in which the coronavirus pandemic has affected the country's education and caused numerous challenges in public schools and more specifically for poor students. It also caused major challenges for teachers who, without mastering technology, had to adapt in a record time to the virtual reality to put remote or hybrid classes into practice. This work seeks to analyze the adjustments made in the education system of the municipality mentioned and how these adjustments were faced by teachers, students and parents of the chosen school. For this purpose, it was applied a virtual questionnaire directed to a group of parents, students and teachers of the school, whose results were transformed into graphics and analyzed individually. The results obtained point out that remote classes, in the molds that they were developed, are excluding, do not guarantee the students learning, lose in terms of quality and

*Graduanda no curso de Pedagogia na Universidade Estadual da Paraíba.
salescaruline@gmail.com

make the access difficult. Thus, it is possible to affirm that after this long period of remote classes the educational system analyzed will have a great post pandemic challenge to repair the students' losses.

Keywords: COVID-19. Remote education. Public School.

1. INTRODUÇÃO

No Brasil, as políticas educacionais atuais têm como elemento norteador o Plano Nacional da Educação (PNE, 2014-2024) e a LDB 9.394/1996. Nesse contexto destacamos aqui dois fatores importantes: a necessidade de “universalização da educação básica”, posta no plano e o cumprimento dos dias letivos com qualidade, de acordo com a referida Lei. Em 2019, o surgimento de um vírus denominado COVID-19 ou coronavírus, como também é conhecido, ocasionou uma pandemia mundial, acarretando inúmeras consequências para diversos países, nos setores da saúde, economia e educação. Sobre o referido vírus, a Organização Mundial de Saúde afirma que.

O coronavírus é uma grande família de vírus comuns em muitas espécies diferentes de animais, incluindo camelos, gado, gatos e morcegos. Raramente, os coronavírus que infectam animais podem infectar pessoas, como exemplo do MERS-CoV e SARS-CoV. Recentemente, em dezembro de 2019, houve a transmissão de um novo coronavírus (SARS-CoV-2), o qual foi identificado em Wuhan na China e causou a COVID-19, sendo em seguida disseminado e transmitido de pessoa a pessoa. (Ministério da Saúde, 2019).

Para a prevenção da disseminação de contágio várias medidas emergenciais foram adotadas por órgãos e ministérios. No Brasil, a educação – que será meu ponto principal de reflexão – o Conselho Nacional da Educação (CNE), após uma votação realizada no dia 28 de abril de 2020, aprovou diretrizes com sugestões e alternativas que orientam as instituições escolares durante esse período.

Uma das principais medidas foi a suspensão das aulas presenciais em toda rede de ensino. Na tentativa de solucionar a situação exposta, foi de forma provisória adotada pelas as escolas o ensino remoto de emergência.

Na concepção de Alves (2020) o ensino remoto, constitui um conjunto de práticas pedagógicas mediadas por plataformas digitais. A partir de então o Decreto foi sendo renovado, sempre estendendo o período de aulas remotas ou híbridas. Atualmente há uma previsão para retorno às aulas presenciais ainda no mês de agosto de 2021. No entanto, já se fala nos inúmeros prejuízos causados por aproximadamente dois anos de aulas remotas nas

escolas públicas. O grande problema se deu pela ausência total de estrutura para funcionamento das escolas de forma remota. Em plena era digital, as escolas públicas, em geral, funcionam sem acesso às novas tecnologias, o que provocou uma verdadeira corrida para a tentativa de adequação da prática docente à realidade causada pelo vírus. Com tal mudança de rotina, estima-se que milhões de estudantes em todo país ficaram sem acesso às aulas, pela ausência dos meios tecnológicos que garantissem o acesso aos conteúdos e aulas virtuais.

A alternativa gerou a impossibilidade de cumprimento dos dias letivos previstos em Lei e, neste sentido, foi publicada uma medida provisória pelo atual presidente Jair Bolsonaro. Tal medida flexibiliza o cumprimento do total de dias letivos. Porém, manteve a obrigatoriedade quanto à quantidade de horas ministradas, o que, na prática, tem provocado uma série de problemas nos sistemas de educação.

Art. 1º O estabelecimento de ensino de educação básica fica dispensado, em caráter excepcional, da obrigatoriedade de observância ao mínimo de dias de efetivo trabalho escolar, nos termos do disposto no [inciso I do caput e no § 1º do art. 24 e no inciso II do caput do art. 31 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996](#), desde que cumprida à carga horária mínima anual estabelecida nos referidos dispositivos, observadas as normas a serem editadas pelos respectivos sistemas de ensino (MEDIDA PROVISÓRIA, nº 934, de 1º de abril de 2020).

Há uma estimativa de que no retorno às aulas presenciais, algumas possibilidades possam ser utilizadas para compensar a carga horária anual, podendo ser consideradas: a suspensão das férias semestrais, aulas em contra horários e até mesmo extensão da carga horária, são algumas ideias possíveis de serem consideradas. Enquanto isso, as secretarias de educação de todo o país, são orientadas sobre seu dever de procurar manter o vínculo dos estudantes com a escola. A principal ferramenta pedagógica capaz de proporcionar tal vínculo são as ferramentas digitais. Os usos de plataformas virtuais com aulas *on-line* usam de algumas redes sociais e até programas de televisão ou rádio, como também material didático impresso e entregue aos pais ou responsáveis.

Diante do exposto trataremos neste trabalho a educação a partir do período de isolamento social, analisando os desdobramentos que ocorreram no setor, a partir do estudo de caso do município de Alagoa Grande - PB. Como já exposto o problema que originou este estudo pode ser assim definido: como garantir aulas remotas para uma população parcialmente excluída dos meios tecnológicos, na qual inclusive grande parte dos professores ainda não dispõe dos instrumentos midiáticos necessários, bem como do domínio necessário à sua utilização?

1.1 Justificando a pesquisa

A presente pesquisa surgiu de minha inquietação enquanto moradora da comunidade de Zumbi em Alagoa Grande, ao perceber as modificações ocorridas no cotidiano escolar dos alunos e, ao sentir as diferenças desse cotidiano também enquanto aluna na universidade. Foi possível compreender as diferenças entre as duas instituições: de um lado a universidade, que montou toda uma estrutura com acesso a *e-mails* institucionais, e mesmo ajuda para os alunos que não dispunham de condições de acesso aos meios de informação e comunicação necessários às aulas. De outro lado as dificuldades enfrentadas pelos alunos da referida comunidade, com limitação ao acesso à *internet*, e sem condições financeiras para garantirem o funcionamento das aulas remotas e diante de uma situação de necessidade extrema de isolamento social, já que a comunidade foi amplamente afetada pelo vírus. Inquietou-me outros agravantes: a ausência de políticas de garantia de acesso aos meios necessários para que as aulas remotas ou híbridas funcionassem e a aflição de grande parte dos pais e mães analfabetos ou semianalfabetos, que recebendo atividades impressas dos alunos em casa, deveriam dar conta da função de ensinar algo que não sabiam.

Na prática, assim estava perceptível: todas as semanas os pais deveriam ir ao dia marcado às escolas receber atividades impressas e devolver as que haviam sido respondidas. A questão é: como estes alunos conseguiriam responder as atividades e aprender o conteúdo sem as explicações necessárias? Como de fato as tais aulas remotas e híbridas estavam funcionando? Que resultados terão? Qual a percepção dos docentes? Qual a percepção dos alunos e dos pais?

Diante de todos esses questionamentos, destaco a necessidade de um maior aprofundamento sobre a realidade da problemática apontada. Temática importante tanto para os profissionais da educação, como para a sociedade em nível geral, pois envolvem não só alunos e professores, mas toda uma família. Enfatizar tal questão nos traz uma visão ampla da real situação da educação do município, ficando, assim, demarcado como foi enfrentado essa situação inédita na educação e quais resquícios ela deixa na história da educação.

Parti da seguinte hipótese: diante da necessidade de isolamento social e da ausência das condições necessárias ao ensino remoto e/ou híbrido, e levando em consideração a necessidade de cumprimento legal das horas aula anuais estabelecidas em lei, o município de Alagoa Grande criou, na comunidade de Zumbi, um dispositivo de entrega de atividades impressas que, de longe, se reverteram em aprendizagem. Assim, a falta de uma política de

acesso aos meus tecnológicos necessários a um ensino a distância, pode resultar em sérios prejuízos para os alunos da Escola Cândido Régis de Brito.

1.2 Metodologia: o caminho percorrido

Os procedimentos metodológicos são fundamentais em uma pesquisa porque revelam as estratégias que geraram as evidências científicas e que possibilitaram a reflexão do pesquisador. As abordagens tradicionalmente usadas na coleta de informações, a exemplo das entrevistas presenciais, neste caso se tornaram inviabilizadas, bem como a garantia de uma grande taxa de resposta. No entanto, foi necessário criar as condições para que a efetivação se tornasse possível. A saída encontrada foi o envio de questionários virtuais. Cabe ressaltar que a utilização de ambientes virtuais para a pesquisa já é uma possibilidade há alguns anos. Para Carvalho e Souza (2015, p. 01).

Cada vez mais o uso da internet vem se destacando como potencial ferramenta que facilita o acesso a informações e a disseminação de conhecimento. Assim, a busca por novas tecnologias para facilitar e auxiliar o desenvolvimento nas pesquisas científicas é uma realidade que está cada vez mais presente. 1 Principalmente, a partir de meados dos anos 1990, com a massificação do uso da internet, a utilização de questionários eletrônicos online passou a ser uma prática periódica para a realização de pesquisas acadêmicas e de mercado, visando formas mais rápidas e objetivas na coleta, organização e no processamento de dados da pesquisa.

A aplicação dessas ferramentas eletrônicas resulta no desenvolvimento de uma pesquisa cujo resultado é quantitativo descritivo, porque apresentam “como objetivo a análise de fatos ou fenômenos através do emprego de artifícios quantitativos, visando à coleta sistemática de dados” (MARCONI; LAKATOS, 2003). Utilizamos um formulário do Google Forms distribuído por “WhatsApp”. Nesse tipo de pesquisa o uso dos instrumentos de coleta e análise dos dados permitem a organização das questões em forma de escalas, formulários, questionários e testes validados nacionalmente e internacionalmente ou construídos pelos pesquisadores de acordo com os objetivos da pesquisa. Os questionários são constituídos por perguntas que permitem a coleta de dados e o preenchimento rápido e objetivo, proporcionando maior uniformidade nas respostas. As respostas são facilmente configuradas em gráficos que permitem maior condição de análise.

Aos pais devido à dificuldade de acesso e manipulação dos meios tecnológicos foi necessária uma visita presencial para o preenchimento do formulário impresso, respeitando as orientações necessárias.

O desenvolvimento da pesquisa foi muito complexo, pela própria condição provocada pela COVID-19. O município de Alagoa Grande passou por um longo e complexo período de isolamento devido o crescente estágio de contágio. Por um bom tempo passou a ser visto como bandeira laranja no controle estadual, o que significa um elevado número de acometidos e de óbitos. A escola sem funcionamento foi outro ponto de dificuldade, já que os professores são de fora e o contato com estes se tornou bem complexo. Há ainda o fato de que as pessoas se tornaram muito resistentes a receber alguém em casa e, desta forma, a coleta de dados só poderia se dar *on-line*. Por causa disso foi necessário pensar em um instrumento diante de tal realidade.

Classificação Municípios - 26ª, 27ª, 28ª e 29ª Avaliação

INDICADORES BASE DE CÁLCULO											
Cof IBGE	Cidade	Macro	Região Saúde	PCN	TID	TDS	TDH	BANDEIRA 26ª Avaliação	BANDEIRA 27ª Avaliação	BANDEIRA 28ª Avaliação	29ª Avaliação
0106	Água Branca	2º Micro	11ª	0,27%	1,20%	33,67%	61,86%				
0108	Aguiar	2º Micro	7ª	0,27%	0,96%	33,67%	61,86%				
0104	Alagoa Grande	2º Micro	3ª	0,27%	1,72%	35,31%	41,71%				
0103	Alagoa Nova	2º Micro	3ª	0,27%	1,62%	35,31%	41,71%				
0102	Alagoínia	1º Micro	2ª	0,27%	1,18%	36,47%	43,42%				
0105	Alcanali	2º Micro	10ª	0,27%	1,14%	35,31%	41,71%				
0107	Algodão de Jandira	2º Micro	3ª	0,27%	0,46%	35,31%	41,71%				

Fonte: <https://paraiba.pb.gov.br/diretas/saude/coronavirus/arquivos-1/atualizacao-covid>.

A presente pesquisa, portanto, se tratou de um estudo descritivo, do tipo relato de experiência, tendo como cenário a Escola Cândido Régis de Brito do município de Alagoa Grande na Paraíba. As experiências do uso dos questionários *on-line* para coleta de dados foram vivenciadas por 07 alunos, 05 pais e 03 professores na referida escola, conforme descrito mais adiante, ao tratar do lócus da pesquisa. Após aplicação do questionário e transformação em gráficos, seguiu-se a análise das informações coletadas.

1.3 Objetivos: geral e específicos

Objetivo geral: Analisar o processo de implantação e desenvolvimento das aulas remotas na Escola Cândido Régis de Brito, a partir do estudo dos documentos que regulamentaram tal processo e tomando por base as impressões dos professores, pais e alunos da referida escola.

Questão norteadora: Como se deu o processo de implantação e desenvolvimento das aulas remotas na Escola Cândido Régis de Brito e quais os principais desafios encontrados por alunos, pais e professores?

Objetivos específicos:

1. Compreender como se deu o processo de implantação das aulas remotas no município de Alagoa Grande a partir do estudo da experiência vivenciada na comunidade de Zumbi;
2. Analisar a percepção dos professores sobre o processo de aulas remotas, tentando identificar os principais desafios enfrentados;
3. Compreender as dificuldades encontradas pelos alunos durante o período de execução das aulas remotas;
4. Levantar as principais dificuldades enfrentadas pelos pais dos alunos quanto a este período.

1.4 Lócus da pesquisa

A pesquisa teve como lócus de desenvolvimento a Escola Cândido Régis de Brito, no município de Alagoa Grande - PB. A escola se situa no distrito de Zumbi, uma comunidade de médio porte, cuja população escolar abrange os moradores locais e aqueles oriundos das comunidades rurais circunvizinhas. Trata, portanto, de um grande número de estudantes atendidos em turmas que vão da pré-escola ao nono ano do ensino fundamental. Funciona nos horários, manhã e tarde, não sendo viável o funcionamento noturno devido à necessidade de mobilização da demanda das comunidades rurais, em que a geografia apresenta-se de forma bem acidentada, a exemplo das comunidades Escuta e Caiana dos Mares.

Atende atualmente a 496 alunos, o que provoca a necessidade de deslocar uma parte destes alunos para um anexo. Este anexo funciona num centro de geração de emprego e renda, construído há alguns anos, mas que nunca cumpriu a sua finalidade, estando, portanto, obsoleto. Cabe ressaltar que há uma segunda escola em construção na comunidade, porém atualmente encontra-se paralisada. Tal escola foi divulgada como possibilidade de alojar melhor os alunos do fundamental 2 e da Educação de Jovens e Adultos (EJA). Esta modalidade, por sinal, não funciona no local devido à ausência de condições físicas, já que parte da escola já tem que funcionar em outro prédio conforme falado. A conclusão da outra unidade escolar, portanto, seria essencial para que a escola atual se limitasse a receber a pré-

escola e o fundamental 1. No entanto, como já exposto, a construção encontra-se paralisada há dois anos, sem que a comunidade encontre informações sobre o real motivo da paralisação. Sobre as matrículas, seguem quadros que detalham a sua distribuição:

Matrículas

Creche	0
Pré escola	48
Anos iniciais (1ª a 4ª série ou 1º ao 5º ano)	242
Anos finais (5ª a 8ª série ou 6º ao 9º ano)	181
Ensino Médio	0
Educação de Jovens e Adultos	0
Educação Especial	25

Fonte: <https://www.qedu.org.br/escola/76214-emeif-candido-regis-de-brito/censo-escolar>.

Matrículas por Série

Matrículas 1º ano EF	40
Matrículas 2º ano EF	60
Matrículas 3º ano EF	53
Matrículas 4º ano EF	43
Matrículas 5º ano EF	46
Matrículas 6º ano EF	53
Matrículas 7º ano EF	31
Matrículas 8º ano EF	60
Matrículas 9º ano EF	37
Matrículas 1º ano EM	0
Matrículas 2º ano EM	0
Matrículas 3º ano EM	0

Fonte: <https://www.qedu.org.br/escola/76214-emeif-candido-regis-de-brito/censo-escolar>.

Em relação à estrutura física, a Escola Cândido Régis de Brito é ampla, arejada e possui boa estrutura. No entanto, a superlotação das turmas acaba prejudicando o seu funcionamento. Não dispõe de laboratório de informática, embora há alguns anos atrás o governo municipal tenha instalado um tele centro. Este no início chegou a funcionar por um curto período e acabou sendo retirado do local e sendo utilizado para outros fins, sendo estes

desconhecidos da comunidade. Durante muito tempo essa escola foi penalizada, pois para a construção de uma quadra, oriunda do Programa de Aceleração do Crescimento (PAC 2) do Governo Federal, a gestão local acabou derrubando três salas de aula, o que prejudicou demais a comunidade. A quadra, posta onde esta, não cumpre a sua finalidade, já que, estando fisicamente colada nas salas de aula, quando em funcionamento, inviabiliza o exercício docente. A escola não possui biblioteca, nem refeitório. Os quadros seguintes trazem dados sobre acesso à computadores e sobre as dependências existentes:

Computadores e Internet

Internet	Sim
Banda larga	Sim
Computadores para uso dos alunos	0
Computadores para uso administrativo	1

Fonte: <https://www.qedu.org.br/escola/76214-emeif-candido-regis-de-brito/censo-escolar>.

Infraestrutura (dependências)

Existe sanitário dentro do prédio da escola?	Sim
Existe sanitário fora do prédio da escola?	Não
A escola possui biblioteca?	Não
A escola possui cozinha?	Sim
A escola possui laboratório de informática?	Não
A escola possui laboratório de ciências?	Não
A escola possui sala de leitura?	Não
A escola possui quadra de esportes?	Sim
A escola possui sala para a diretoria?	Sim
A escola possui sala para os professores?	Sim
A escola possui sala de atendimento especial?	Sim

Fonte: <https://www.qedu.org.br/escola/76214-emeif--regis-de-brito/censo-escolar>.

Como mostram as informações acima, mesmo a escola tendo uma área territorial ampla, a estrutura não é suficiente para comportar todas as turmas, além de não possuir ambientes como sala de leitura, laboratórios e biblioteca. Ambientes estes extremamente necessários por propiciarem a aprendizagem.

1.5 Sobre a amostra da pesquisa

A amostra da pesquisa contemplou sete alunos do ensino fundamental, sendo importante destacar a dificuldade para o levantamento de dados, devido ao período de aulas remotas e o conseqüente fechamento das escolas. Cabe citar que dos sete alunos, seis são do nono ano. O nono ano tem trinta e sete alunos matriculados, o que significa que a amostra corresponde a 0,7 % do total de matriculas na turma.

Em relação aos professores, foram entrevistados três profissionais, sendo um contratado e dois concursados. A escola dispõe de um quadro com formação em nível superior e pós-graduação, não contando com profissionais leigos. Os dois profissionais efetivos entrevistados têm acima de 18 anos de magistério. A professora contratada tem um ano de exercício. Cabe citar que não foi possível ampliar o número de professores e alunos entrevistados, justamente pela dificuldade de contato no período de pico pandêmico.

No caso dos pais, conseguimos uma amostra correspondente a cinco pessoas. A dificuldade foi grande pelos motivos que seguem: 1. Muitos pais trabalham fora, e para estes não foi garantido o isolamento indicado pela OMS- Organização Mundial de Saúde. São eles: agricultores, pessoas que trabalham nas usinas, empregadas domésticas e cuidadoras; 2. Em geral, os pais que permaneceram em casa são os aposentados, ou as pessoas com problemas de saúde, e estes não se disponibilizaram em colaborar com a pesquisa; 3. A opção pela pesquisa impressa com os pais enfrentou os entraves referentes à falta de habilidade com o uso da ferramenta e falta de acesso à internet. Mesmo assim as questões respondidas foram valiosas e seu tratamento será apresentado mais adiante.

2. O QUE DIZEM OS ESTUDIOSOS SOBRE O ENSINO REMOTO E A PANDEMIA DA COVID NO BRASIL

A pandemia causada pelo vírus SARS-COV-2, que virou notícia a partir de dezembro de 2019, na cidade de Wuhan, província de Hubei, na República Popular da China, trouxe uma série de medidas de isolamento para conter o contágio. No Brasil, as atividades foram

gradativamente sendo paralisadas, dentre estas atividades, a educação. Para Santos (2020), o impacto causado pelo vírus exigiu a criação de estratégias para amenizar e mesmo resolver os prejuízos causados pelo fechamento das unidades escolares, demandando formas alternativas de continuidade do processo de ensino-aprendizagem e, neste tocante, o uso remoto das tecnologias da informação e da comunicação se tornou a válvula de escape.

Ocorre que essas modificações na educação fortaleceram a exclusão das crianças pobres e mesmo de professores que, por não possuírem os meios tecnológicos ou por não dominarem as ferramentas virtuais. Rosa (2020) aponta a urgência em que professores e alunos tiveram que se adequar à nova situação e os perigos dessa urgência, já que a tecnologia por si só, não consolida as transformações necessárias. Para Santos (2020, p. 21),

A quarentena não só torna mais visíveis, como reforça a injustiça, a discriminação, a exclusão social e o sofrimento imerecido que elas provocam. Acontece que tais assimetrias se tornam mais invisíveis em face do pânico que se apodera dos que não estão habituados a ele.

Totalmente alheio à ausência de condições de funcionamento das aulas remotas na maioria das escolas públicas brasileiras, o Ministério de Educação do Brasil a partir da portaria nº 544, de 16 de junho de 2020, dispôs sobre a substituição das aulas presenciais por aulas em meios digitais, enquanto durar a situação de pandemia do novo coronavírus – COVID-19 (Brasil, 2020). O funcionamento das aulas nesta modalidade impõe um grande desafio governamental que é garantir aos alunos de baixa renda e aos professores com acesso limitado aos meios digitais as condições necessárias a sua execução.

Apesar de vivermos uma era digital, em pleno desenvolvimento da tecnologia, é fato que a escola persiste nas aulas puramente livrescas, e o acesso às tecnologias da informação e da comunicação ainda continua distante para parte da população brasileira. A utilização da *internet* como meio de disseminação de conhecimento e de interação educacional, como já posto, passou a ser necessidade extrema nas escolas após situação pandêmica causada pelo vírus COVID-19, que isolou as pessoas devido o seu alto grau de contágio. No entanto, a falta de adoção dessas ferramentas, por parte dos docentes provocou a necessidade de adaptação em tempo recorde, para dar conta das chamadas aulas remotas.

A falta de utilização dessas ferramentas nas escolas públicas se deu por dois motivos: pela total ausência de interesse de adoção das ferramentas ou pela ausência de acesso aos meios tecnológicos. Essa afirmativa se baseia no fato de que, ainda hoje, vários professores sentem dificuldades em usar os procedimentos tecnológicos com fins didáticos. A falta de interesse causada pelo não domínio das ferramentas, aliadas a precariedade das escolas que,

em geral, não dispõem de tais instrumentos, foi agora sentida com um impacto devastador, pois implicou negativamente no ensino.

Surge outra questão, apontada e explorada por Modelski, Giraffa e Casartelli (2019, p. 4), “o fato de o professor ser usuário de tecnologia não lhe garante a transposição didática”. Isso quer dizer que o fato de alguns professores terem algum tipo de acesso às tecnologias, não garante que o mesmo terá as habilidades necessárias para transformá-la em um recurso didático nas aulas.

Compreender as dificuldades que foram encontradas nas escolas durante o período pandêmico é um grande passo entender os resultados de todo esse processo, a partir da consciência dos desafios que precisarão ser superados na volta as aulas presenciais. Ao mesmo tempo aponta para a necessidade de construção de uma sociedade realmente inclusiva e autônoma para os estudantes. Há muito tempo se debate sobre os problemas do ensino tradicional que se limita às aulas monótonas, pouco atrativas, destituídas da realidade. E, neste sentido, é preciso incluir nas escolas novas formas de ensino, novas maneiras de acesso ao conhecimento e o momento atual, que se coloca como um grande desafio pode ter provocado uma espécie de revolução. Depende, no entanto, do que foi feito em cada sistema de ensino, em relação aos métodos e abordagens utilizadas. Para Morán (2015), trata da abertura da escola para a utilização de metodologias ativas, onde o aluno passa a ter responsabilidade por sua aprendizagem, mas onde o papel do professor não perca a sua especificidade.

Para Paiva (2016), a utilização de aplicativos, por exemplo, pode favorecer no desenvolvimento de situações problemas, pode contribuir nos seminários e nos debates, pode dinamizar as oficinas pedagógicas, e pode tornar as aulas mais atrativas pela facilidade de acesso a filmes, leituras, músicas, lugares, etc. A utilização de aplicativos e portfólios são algumas das possibilidades, sendo inclusive propostas do construtivismo, uma corrente educacional que envolve metodologias ativas. A união destas ou de outras propostas (que têm diretamente a ver com o que está posto no Projeto Político-Pedagógico da escola) às aulas do tipo remotas ou híbridas, parece ser ainda um grande desafio, cujos resultados podem ser surpreendentes uma vez que, as novas gerações estão cada vez mais engajadas com tecnologias.

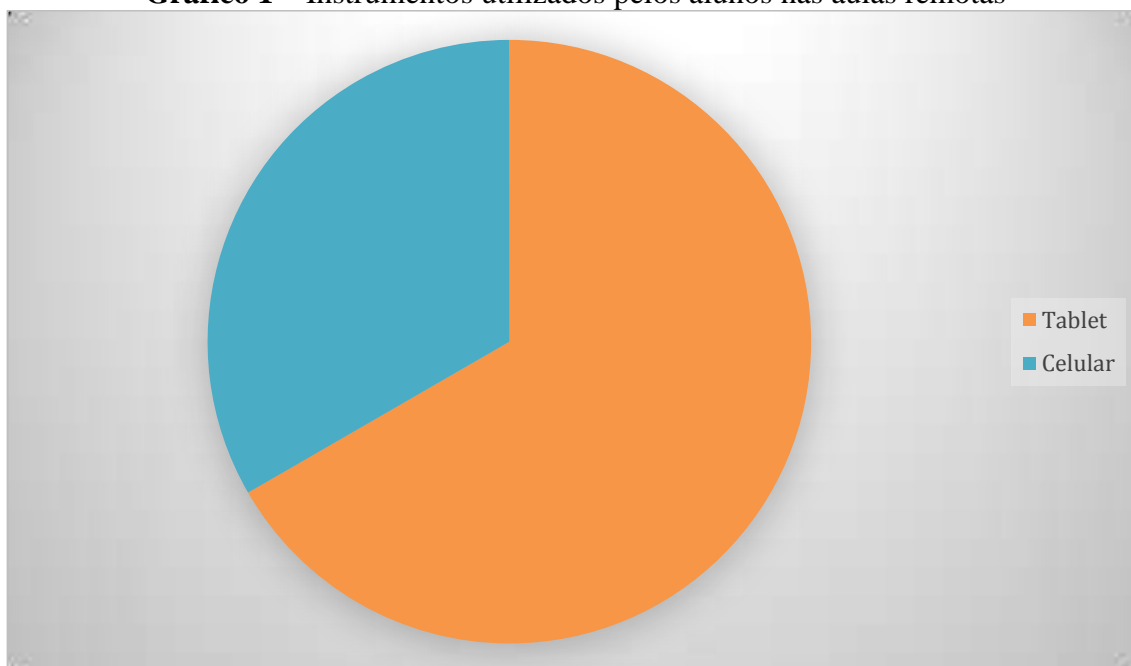
Para Brito (2014) a construção e desenvolvimento dessas atividades demandam tempo e criatividade e exige muito engajamento pelo professor. Se por um lado essa exigência se tornou urgente, por outro, a ausência de estrutura nas escolas aliada ao baixo poder aquisitivo dos professores, que precisam se dividir em várias atividades impedindo a sua possibilidade de um maior engajamento, parece impedir a sua concretização e ainda é um grande desafio.

Assim, entender as principais dificuldades enfrentadas nesse processo, tanto pelos professores, quanto pelos alunos e pais, parece ser um grande passo para contribuir com a avaliação do sistema de ensino que almeja mudar os seus dados educacionais.

3. TRATANDO AS INFORMAÇÕES: SOBRE O QUESTIONÁRIO APLICADO COM OS ALUNOS

É preciso evidenciar, de início, que a escola não apresenta distorção série idade, uma vez que todos os alunos que participaram da pesquisa encontram-se na faixa etária adequada. Como já exposto anteriormente, do total geral, sete alunos responderam o questionário, sendo seis deles matriculados no nono ano do ensino fundamental e um no oitavo ano. Os alunos que responderam, estão na faixa etária dos treze aos catorze anos de idade. Perguntados sobre os recursos tecnológicos que utilizam nos estudos, os alunos concederam as informações abaixo representadas:

Gráfico 1 – Instrumentos utilizados pelos alunos nas aulas remotas

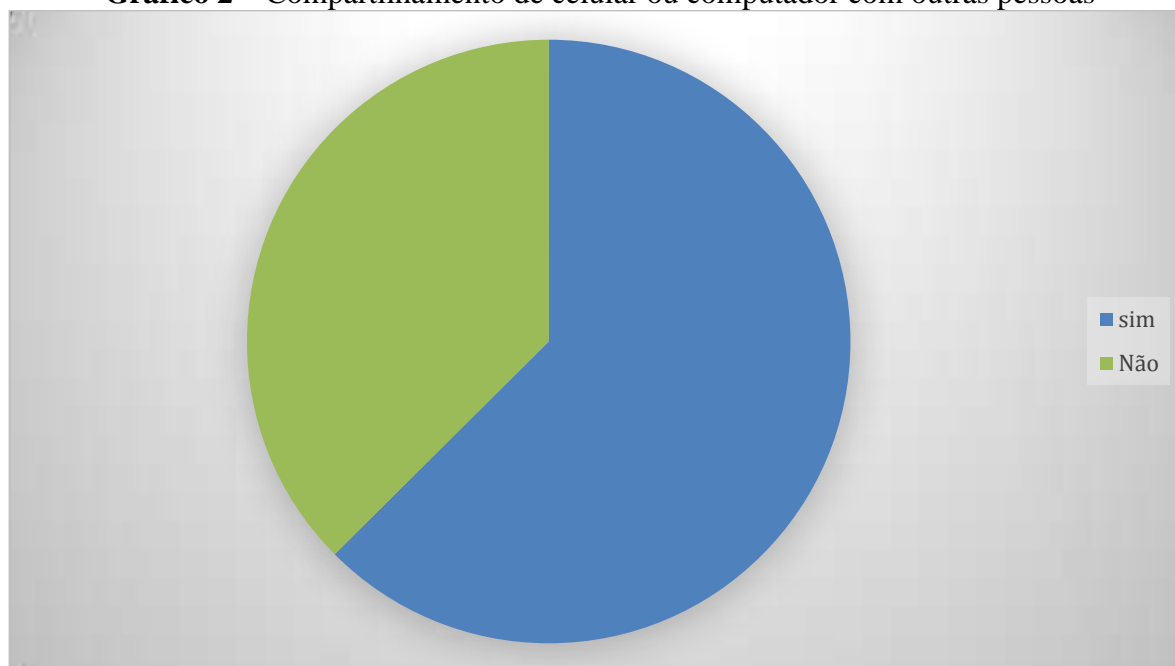


Fonte: Organização da pesquisadora, 2021.

Os dados coletados mostram que os alunos respondentes têm acesso a tabletes ou computadores e celulares, sendo que a cada três alunos, dois tem acesso ao computador e apenas um tem acesso ao celular. Uma conversa informal com os alunos explica essa realidade: alguns alunos recorrem a gráficas para realizar pesquisas escolares, para suprir a ausência do equipamento em casa. Esta realidade preocupa, pois é necessário que esses alunos

paguem pela pesquisa realizada, onde cabe ressaltar que grande parte desses alunos não dispõe de condições financeiras para realização da mesma, além das dificuldades dos alunos quanto à necessidade de contato para esclarecer dúvidas com o professor, pelos motivos já citados.

Gráfico 2 – Compartilhamento de celular ou computador com outras pessoas

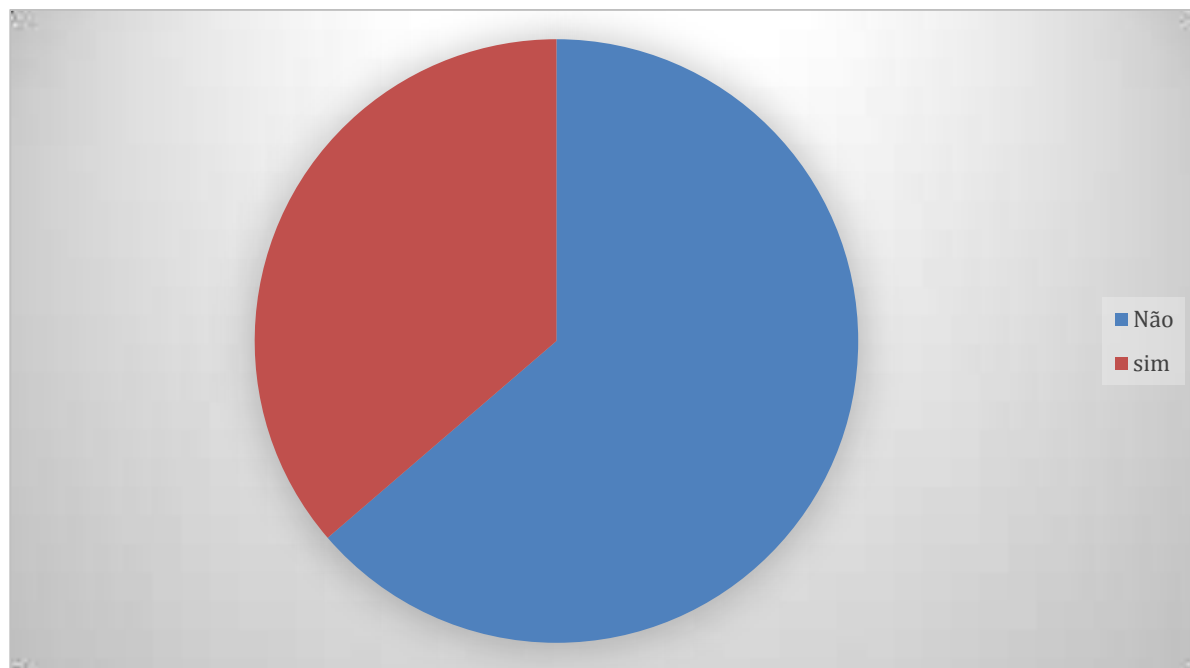


Fonte: Organização da pesquisadora, 2021.

Quando questionados sobre as condições de uso dos equipamentos disponíveis – tablets e computadores ou celulares – é possível perceber que dois terço dos alunos precisam compartilhar com outras pessoas, não tendo, portanto, acesso integral ao instrumento, não tendo equipamento individual a sua disposição para utilização com fins didáticos, sem a necessidade de compartilhar com outras pessoas.

Em conversa informal com os alunos entrevistados alguns problemas foram apontados: em algumas famílias existe apenas um celular para todos. No entanto, este celular é de domínio do pai durante a semana, já que este trabalha fora da cidade, sendo o aparelho necessário para a comunicação com a família. Neste caso, nas horas das referidas aulas, os alunos ficam sem condições de acesso, restando-lhe apelar para o atendimento dos professores nos fins de semana ou feriados, que são os dias em que o pai está em casa.

Gráfico 3 – Acesso aos meios tecnológicos (*internet*)



Fonte: Organização da pesquisadora, 2021.

Em relação ao acesso à *internet*, é possível ver que dois terços afirmam não ter acesso à *internet*, enquanto um terço tem. Há de se levar em consideração, no entanto, as condições de acesso. Vem, portanto, a situação daqueles que precisam recorrer às gráficas e aqueles cujo acesso é limitado por só dispor de um aparelho em casa, dividido por vários usuários e em diferentes situações. Ressalta-se aqui a evidência quanto à disparidade da desigualdade social, já que, na escola pública, em grande maioria, mesmo os que têm acesso enfrentam inúmeros desafios para estudar pela ausência das condições necessárias. Essa desigualdade é latente, por exemplo, se comparada com os alunos da mesma comunidade que estudam em escolas privadas e que dispõem dos instrumentos necessários.

Mesmo diante da situação até agora exposta, os alunos parecem estar conscientes das dificuldades atuais para o funcionamento das escolas de forma presencial. Diante da seguinte questão: você concorda com a medida em ter aulas remotas? As respostas obtidas foram positivas para o formato. Seguem as respostas obtidas:

Quadro 1 – Respostas dos alunos para a questão: você concorda com a medida em ter aulas remotas?

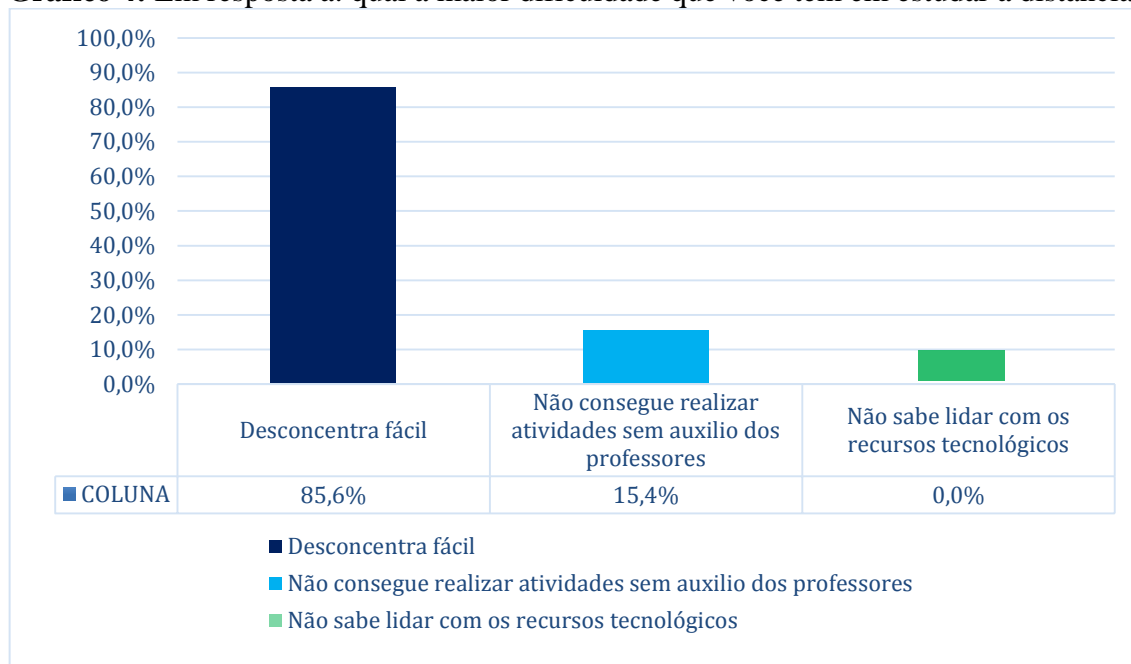
Aluno 1	Sim
Aluno 2	Sim por enquanto é a melhor maneira que temos
Aluno 3	Sim. Já que não podemos ter as aulas presenciais é de suma importância outro tipo de ensino.

Aluno 4	Sim. É o jeito que temos no momento.
Aluno 5	Sim. É de suma importância ter outro portal de ensino já que o nosso momento pandêmico não nos permite aulas presenciais.
Aluno 6	Sim.
Aluno 7	Sim.

Fonte: Organização da pesquisadora, 2021.

Uma breve leitura das respostas dos alunos demonstra que há certo conformismo com a situação, devido a COVID-19 e o crescimento vertiginoso do número de infectados no último mês no município de Alagoa Grande, que assumiu em nível estadual o status de bandeira laranja. No entanto, as respostas demonstram que a aceitabilidade se dá pela ausência de outra possibilidade, o que conduz à reflexão de que o ensino remoto não correspondeu às necessidades e expectativas dos alunos. A não correspondência se deve às condições oferecidas ou à ausência delas.

Gráfico 4: Em resposta a: qual a maior dificuldade que você tem em estudar a distância?



Fonte: Organização da pesquisadora, 2021.

De acordo com o que foi exposto pelos alunos, podemos observar que a maior dificuldade enfrentada por eles ao estudar em casa, é a falta de possibilidade de concentração. 85% das respostas atestaram essa dificuldade. Essa impossibilidade de concentração se dá pelo fato de que a residência, embora se configurando como lócus de formação e educação do

sujeito, não é um ambiente adequado para a educação sistematizada e para os estudos de modo integral, pois a rotina daquele ambiente, das pessoas, bem como sua estrutura não se adequam de modo a contribuir com a organização de uma rotina de estudos. Cabe ainda citar que 15% dos alunos ressaltam que a maior dificuldade de estudar em casa é resultado da ausência do auxílio presencial dos professores.

Quadro 2 – Respostas dos alunos a questão: Você consegue ter acesso às aulas e as atividades propostas? De qual maneira?

Aluno 1	Vou atrás das atividades na escola.
Aluno 2	Sim, recebo impressa na escola realizo em casa com a ajuda dos professores e em seguida entrego na escola novamente.
Aluno 3	Sim, pra facilitar pra mim busco na escola as folhas.
Aluno 4	Sim, pegando as atividades na escola em que estudo atualmente.
Aluno 5	Sim, os professores e a prefeitura estão optando por ensino com as apostilas que são pegadas na secretaria da escola.
Aluno 6	Minha mãe vai à escola e pega minhas atividades.
Aluno 7	Aulas nós não temos e nós pega na escola impressa.

Fonte: Organização da pesquisadora, 2021.

Destacamos aqui a falta de cumprimento do que foi estabelecido pelo Conselho Nacional da Educação, que propôs o ensino remoto à distância, mas que de forma virtual mantivesse vínculo dos alunos as aulas de aula. Nesta escola, apenas funciona a entrega de atividades impressas, com a seguinte sistemática: numa semana é feita a entrega das atividades aos alunos e na semana seguinte, as atividades são devolvidas com as correções, mas as correções não são comentadas, discutidas ou analisadas. Alguns professores enviam *links* de vídeos encontrados no *Youtube* sobre os assuntos tratados e em um raro caso tem a orientação do professor de forma virtual, onde os mesmos recorrem à *internet* por conta própria.

Quadro 3: Em respostas a questão: você considera ter desenvolvido alguma aprendizagem durante essas aulas? Temos as que seguem:

Aluno 1	Não
Aluno 2	Sim. Foi um pouco difícil, mas consegui algum aprendizado.
Aluno 3	Pra ser sincera, não.
Aluno 4	Não só eu, mas como grande parte dos alunos, tivemos um aprendizado escasso.
Aluno 5	Não.
Aluno 6	Muito não, porque não tem explicação do assunto e também tem a dificuldade de acessar os conteúdos por falta de internet e de computador.
Aluno 7	Eu dominâncias em determinadas matérias, em outras a minha dificuldade limita-se em falta de concentração ou até mesmo apoio por parte dos professores. O desenvolvimento ganhado por uma pequena parte dos alunos foi escasso.

Fonte: Organização da pesquisadora, 2021.

Grande parte dos alunos reconhece que não conseguiram desenvolver uma aprendizagem mais ampla e apontam como principais motivos: a falta de um acompanhamento do professor, a escassez de conhecimento, a falta de condições de concentração e a falta de acesso aos meios tecnológicos. O conjunto dessas ausências dificulta uma melhor compreensão para se obter bons resultados.

Tabela 4: Em resposta a questão: o que você acha que precisa melhorar nessas aulas?
Seguem as respostas:

Aluno 1	Muito difícil estudar fora de uma sala de aula, acho que mais ajuda dos professores.
Aluno 2	Ter explicações de professores.
Aluno 3	Ter aulas com professora.
Aluno 4	Mais exemplos nas atividades para entendermos melhor.
Aluno 5	Tem mais aulas online, mais auxílio dos professores.
Aluno 6	Poderia ter aulas online, assim ajudaria nos alunos a entender a matéria.
Aluno 7	Os professores da escola em que estudo, não está fazendo aulas remotas. Mas da forma que estão fazendo já está de bom tamanho.

Fonte: Organização da pesquisadora, 2021.

As respostas coletadas e descritas na Tabela 5 deixam claro que para os alunos, a maior necessidade é a presença dos professores para mediar às atividades. Uma análise de suas falas conduz à compreensão de que não houve aula remota na referida escola e que tais aulas foram resumidas à entrega de atividades impressas. A necessidade de aulas *on-line* esbarrou no total despreparo da escola, para a garantia do acesso às Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs). Eles expõem suas dificuldades em relação à compreensão dos conteúdos, embora mais uma vez ressaltem certo conformismo com a situação. Uma conversa informal com tais alunos traz à tona o real motivo desse conformismo: de certa forma, eles atribuem a culpa por sua falta de condições, para interagir com os docentes, ou seja, houve a internalização da ideia de que os professores estavam disponíveis para dar atendimento, mas não conseguiram fazê-lo por causa da total limitação das famílias.

A ausência de um posicionamento crítico que se reverta em questionamento sobre o que dizem os instrumentos legais, neste caso, está sendo bem prejudicial. As famílias adotam para si uma responsabilidade que seria do Estado Brasileiro, já que a este caberia à garantia de condições de acesso ao conhecimento. Assim, se a relação entre professor e aluno, sendo um dos fatores que mais contribuem para o seu desenvolvimento e aprendizagem, neste formato adotado não existe, o resultado é o surgimento de sérios prejuízos para a demanda local. Como síntese, é preciso afirmar que a presença do professor é um fator indispensável e seu papel não se pode ser suprido pelos pais ou terceiros, sendo a sua atuação, remotamente ou presencialmente, de grande relevância na vida dos docentes.

4. TRATANDO AS INFORMAÇÕES: SOBRE O QUESTIONÁRIO APLICADO COM OS PROFESSORES

As perguntas para os professores foram organizadas de modo a tentar entender a sua visão sobre o ensino remoto, o grau de dificuldade enfrentado diante da nova realidade e suas condições de acesso às TICs. Segue Questão 1 com as respectivas respostas:

Quadro 1 – Em resposta a questão: você tem acesso aos meios tecnológicos? (celular, computador ou internet).

Professora 1	Tenho acessórios meios tecnológicos, mas a maioria dos alunos não tem. Então não adianta muito.
Professora 2	Sim, tenho.
Professora 3	Sim.

Fonte: Organização da pesquisadora, 2021.

As respostas das docentes entrevistadas deixam claro que o acesso às TICs não é problema. Todos têm acesso. No entanto, chama atenção à resposta da Professora 1, que de certa forma aponta para o grande problema de execução das aulas que deveriam ser remotas: como garantir aula remota se os alunos não têm acesso aos instrumentos necessários? Essa questão coincide com o que já foi exposto pelos alunos. Houve no município uma preocupação em normatizar as aulas remotas através de decretos e resoluções, mas faltaram as políticas de acesso para o alunado, o qual, isolado, perdeu totalmente o contato com os professores, recebendo quinzenalmente atividades impressas para responder sem nenhuma interação didática. Quando se pergunta às professoras sobre sua dificuldade ou facilidade na utilização das tecnologias em aula, seguem as respostas:

Quadro 2 – Em resposta a questão: você tem dificuldade ou facilidade na utilização desses instrumentos para fins de aula?

Professora 1	Tenho facilidade em utilizar a tecnologia, mas como já falei, não adianta muito ter facilidade, mas não ter como acessar os alunos.
Professora 2	Não.
Professora 3	Confesso que não tenho muita habilidade.

Fonte: Organização da pesquisadora, 2021.

A Professora 1 complementa o dito anteriormente: ela tem facilidade, tem acesso à tecnologia, mas se limita na ausência dos mesmos instrumentos de posse dos alunos. Como ela mesma afirma “não adianta muito ter facilidade, mas não ter como acessar os alunos”. Já a Professora 2 dá uma resposta ambígua. Ela simplesmente responde “não” o que dificulta a interpretação, já que se perguntam duas coisas: sobre a dificuldade e facilidade. No caso da Professora 3, a resposta é clara: ela não tem habilidade no uso das TICs com fins didáticos, o que é comum entre os professores da rede, principalmente entre os mais remotos. Sobre a visão dos professores em relação ao ensino remoto, seguem respostas:

Quadro 3 – Em resposta a questão: como você vê o ensino de forma remota?

Professora 1	Um grande desafio nos dias atuais. Um desafio quase impossível porque não existem as condições necessárias para o funcionamento.
Professora 2	Tenho muita preocupação vivemos em um país onde a desigualdade econômica é uma das maiores do mundo. A maioria das famílias não tem acesso aos meios tecnológicos, à preocupação das famílias é alimentação. A gestão não proporcionou condições para que todos (as) alunos (as) tivessem acesso ao ensino remoto. Em um país com tantas desigualdades as oportunidades são pra todos.
Professora 3	Com a pandemia houve uma mudança total na educação. E para mim como professora não foi diferente. Creio que na verdade não está sendo fácil para ninguém, mas acredito que está dando certo porque tenho um retorno positivo em relação a minha turma.

Fonte: Organização da pesquisadora, 2021.

A Professora 1 reafirma sua preocupação com a impossibilidade de execução prática do ensino remoto devido à ausência de acesso dos alunos. Esta preocupação é apontada também pela Professora 2. Esta traz à tona questões importantes como a “desigualdade econômica”, e o fato de que as famílias tem atualmente como maior preocupação, a garantia da alimentação, sendo inviável para estas a aquisição dos meios tecnológicos. Sutilmente ela aponta como falha a falta de ação da gestão governamental local para que os alunos tivessem esse acesso garantido. A Professora 3 reafirma o que já falou anteriormente quando deixou clara a sua pouca habilidade com o ensino remoto. Ela traz a questão da mudança repentina e abrupta que exigiu uma adaptação imediata dos docentes e as dificuldades que todo esse processo causou. Mesmo assim fala em retorno positivo dos alunos, o que é contraditório diante de suas falas anteriores. Quando tentamos buscar dos professores as principais dificuldades encontradas diante do ensino remoto, obtivemos as seguintes respostas:

Quadro 4 – Em resposta a questão: quais suas dificuldades diante desse novo modelo de ensino?

Professora 1	A maior dificuldade é com a aprendizagem dos alunos, a forma de avaliá-los e a falta de interesse por parte de alguns pais.
Professora 2	A maior dificuldade enfrentada é a falta de ferramentas e <i>internet</i> por falta dos alunos para mantermos a rotina de estudos.
Professora 3	A grande dificuldade é a desigualdade, a maioria dos (as) alunos (as) não tem acesso aos meios tecnológicos.

Fonte: Organização da pesquisadora, 2021.

As três professoras apontam com dificuldade a falta de acesso dos alunos às ferramentas digitais. No caso da Professora 1, é fácil identificar a atribuição de culpa dos pais quando ela afirma que a dificuldade dos alunos se dá pela falta de interesse dos pais. Desconsidera-se, portanto, o fato de que muitos pais são analfabetos, semianalfabetos, ou trabalham fora o dia inteiro. Desconsideram-se ainda os fatores socioeconômicos daquela comunidade. Já a Professora 3 parece ter esse nível de consciência uma vez que ela aponta a desigualdade como o grande agravante nesse processo. Quando perguntadas sobre como tem sido as atividades propostas às turmas remotas, seguem as respostas:

Quadro 5 – Em resposta a questão: como tem sido as atividades propostas às turmas nas aulas não presenciais?

Professora 1	São entregues portfólios com atividades de Linguagem Escrita, Matemática e Natureza e Sociedade. O retorno por parte dos alunos tem sido bastante positivo..
---------------------	--

Professora 2	Na escola onde leciona existe a entrega de atividades remotas a cada 15 dias..
Professora 3	Através de vídeo aulas, atividades impressas.

Fonte: Organização da pesquisadora, 2021.

As respostas obtidas são divergentes e contraditórias, mesmo sendo de uma mesma escola. A Professora 1 fala em “entrega de portfólios”, e, contradizendo todas as dificuldades apontadas por ela nas respostas anteriores, fala em “retorno positivo das atividades”. Já a Professora 2 é objetiva ao dizer que o que existe é a entrega quinzenal de atividades escritas (que equivocadamente ela chama de remotas). Já a Professora 3 fala em vídeo aula, embora tenha deixado claro o tempo todo sobre suas dificuldades em relação às ferramentas digitais. Em conversa informal com esta, perguntei se ela gravou aulas para os alunos. A resposta foi que ela escolheu vídeos no Youtube e enviou para os alunos. Quando instigadas a avaliar o aprendizado e a participação dos estudantes nas atividades remotas, as respostas obtidas são as seguintes:

Quadro 6– Em resposta a questão: como você avalia o aprendizado e participação dos estudantes nas atividades remotas?

Professora 1	Torna-se muito difícil a forma de avaliar a aprendizagem. Porém, se a criança tiver acompanhamento da família, torna-se viável.
Professora 2	No Distrito onde ensino é difícil o sinal de internet. Fico angustiada e preocupada, não temos aulas remotas, o que temos são atividades remotas. O aprendizado para mim não é satisfatório.
Professora 3	A participação da minha turma é muito boa. Tenho a família como parceira e sem elas esse aprendizado não sentia possível, uma vez que trabalho com Educação Infantil. Logo essa parceria é extremamente necessária

Fonte: Organização da pesquisadora, 2021.

A Professora 1 traz à tona outro grande problema enfrentado pelo professor: como avaliar os alunos diante dessa conjuntura? Ao mesmo tempo em que coloca este questionamento, parece encontrar como saída à responsabilização dos pais. Já a Professora 2 traz uma leitura das dificuldades encontradas: ausência de sinal de internet na comunidade, a não existência de fato das aulas remotas e a insatisfação em relação aos resultados. A Professora 3 novamente representa uma contradição. Ao mesmo tempo em que ela denuncia nas respostas anteriores a insatisfação e as dificuldades com o ensino remoto, ela afirma que

teve uma participação muito boa da turma. Resta saber o que ela subentende como uma boa participação neste caso.

5. TRATANDO AS INFORMAÇÕES: SOBRE O QUESTIONÁRIO APLICADO COM OS PAIS

Cumprido de início destacar a dificuldade para coletar informações por parte dos pais. Numa comunidade como Zumbi, os casos de COVID criaram um clima de pavor entre as pessoas e o acesso a elas foi complexo. Outros fatores também contribuíram para esta dificuldade, conforme já citado anteriormente. Mesmo assim conseguimos uma amostra total de cinco pais, cujas respostas das questões serão analisadas na sequência. Cabe lembrar que, diante das dificuldades enfrentadas, apesar da organização do questionário virtual, esta coleta foi feita de forma presencial, com questionário impresso, respeitando todas as regras da Organização Mundial da Saúde, já que o preenchimento de questionário *on-line* se tornou inviável. A primeira questão buscou trazer para discussão as dificuldades encontradas pelos pais no acompanhamento das atividades remotas. Seguem as respostas:

Quadro 1 – Você consegue auxiliar seu filho nas atividades?

Pai 1	Não sei ler. Fica difícil.
Pai 2	Não sei dos assuntos. Já faz tempo que eu estudei e hoje tudo é diferente.
Pai 3	Os meninos não sabem. Eu também não sei. A irmã dele é que faz alguma coisa pra ajudar. Mas não tem muita paciência.
Pai 4	Eu faço o que posso. Mas acho que a prefeitura devia ter dado um jeito de ver as crianças que não tem internet.
Pai 5	Sem as explicações da professora fica difícil.

Fonte: organização da autora, 2021.

As respostas dos pais só trazem à tona e confirmam os problemas que vêm sendo desenhados desde o início desse trabalho: pais analfabetos, pessoas com limitações em aprendizagem, ausência de ajuda em casa. Tudo isso configura a situação caótica na educação neste período de pandemia, agravado pela ausência de contato com os docentes. Quando perguntados sobre a rotina de estudos em casa, eis a resposta de cada pai:

Quadro 2: Como a rotina de estudos em casa é elaborada?

Pai 1	Pra falar a verdade aqui não tem aquela hora certa não. Quando as tarefas chegam a gente vai atrás de alguém que ajude. É assim.
Pai 2	Quando chegam as tarefas eu vejo com ajudar. Mas é difícil demais.
Pai 3	No dia que a gente vai buscar a tarefa a irmã dele ajuda. Ai depende do tempo que ela tem.
Pai 4	Tem rotina não. É na hora que dá pra fazer.
Pai 5	Eu ajeito como dá. Depende do dia.

Fonte: Organização da autora, 2021.

As respostas coletadas apontam para o fracasso da prática adotada no período de pandemia. Sozinhos com seus filhos, diante de um acervo de atividades impressas, sem que o aluno tenha o mínimo de encaminhamento por parte dos docentes, cabe aos pais tentar uma ajuda de conhecidos que tenham um pouco mais de conhecimento. Outros tentam contribuir, mas sentem dificuldades e outros recorrem a membros da família que demonstram não ter paciência ou compromisso. São respostas que indicam outro grave problema da educação brasileira: o distanciamento da família em relação aos assuntos da educação formal da criança. A ideia subjacente é de que a educação formal é obrigação apenas da escola e na ausência desta, os alunos são totalmente penalizados. Quando o assunto é a quantidade de atividades enviada, as respostas obtidas são:

Quadro 3 – Você acha que as atividades estão sendo suficientes?

Pai 1	Acho que vem atividade demais.
Pai 2	Acho que se entregasse todo dia era melhor. Mas demora. Ai quando entrega é tudo de uma vez e fica complicado.
Pai 3	Não adianta um monte de atividade sem explicação.
Pai 4	Acho muita.
Pai 5	Está bom. A gente vai fazendo aos poucos.

Fonte: Organização da pesquisadora, 2021.

Analisando as respostas obtidas, dá pra entender a dificuldade dos pais. A escola entrega as atividades quinzenalmente e quando os pais recebem vem um montante

considerável de impressos, já que corresponde ao bloco de quinze dias. Em relação à aprendizagem dos filhos, seguem as considerações dos pais para análise:

Quadro 4 – Sobre a resposta da questão: você acha que seu(s) filho(s), está conseguindo desenvolver alguma aprendizagem?

Pai 1	Não estão desenvolvendo nada.
Pai 2	Sim.
Pai 3	Um pouco, pois na ausência das aulas presenciais com a exposição dos professores e outras atividades interativas e dinâmicas acabam defasando o processo de Aprendizagem. E em casa não encontramos, oferecemos suporte suficiente para as atividades, além da dificuldade de ensino de diversos pais que não puderam ou não tiveram acesso a uma rede de ensino.
Pai 4	Na realidade, eu acredito que todas as crianças serão prejudicadas em sua aprendizagem. Até porque não estão tendo aulas online, os professores apenas enviam as atividades.
Pai 5	Aprendizagem é razoável.

Fonte: Organização da pesquisadora, 2021.

Sobre a aprendizagem dos filhos fica evidente a preocupação dos pais e afirmação do quanto eles estão prejudicados com a sistemática adotada na comunidade analisada. Ambos têm consciência de que a falta do ambiente escolar e da presença dos professores dificulta, pois em casa não é um ambiente propício à aprendizagem sistematizada. E a maneira em que as aulas estão sendo conduzidas pela escola da comunidade não favorece o acesso. Diante dos dados coletados e aqui expostos, seguem as considerações finais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao finalizar a pesquisa em tela, foi possível compreender o quanto a educação do Brasil precisa evoluir em termos de qualidade e principalmente de estrutura, e a necessidade de isolamento devido o COVID-19, ao exigir a transformação temporária do ensino presencial em ensino remoto, escancarou esta necessidade de evolução. A deficiência quanto ao acesso e ao uso de ferramentas tecnológicas foi e continua sendo inegável, mas é perceptível que esse acesso não pode mais ser negado e que as escolas precisam abrir as portas para elas. Há ainda uma imensa lacuna que precisa ser preenchida, pois mesmo depois de quase dois anos de aulas ditas remotas, o que se consolida na maioria dos casos é o envio de atividades impressas. É preciso, portanto, encontrar o equilíbrio entre a utilização dos recursos já existentes e a inserção gradativa de novos instrumentos.

É fato que esse período de ensino remoto acentuou o fosso social para a garantia do acesso à educação, já que trata de um período fortemente excludente e desigual para os alunos das escolas públicas, pois a falta das políticas educacionais não favoreceu o acesso a aulas remotas ou híbridas. A aprendizagem dos alunos ficou engessada durante esse período, pois fica evidente que a mediação pedagógica dos professores com os alunos, sendo um dos fatores principais no processo de aprendizagem dos estudantes da comunidade em questão, foi totalmente inviabilizada. Com o ensino reduzido à simples entrega de atividades impressas quinzenalmente, foi repassada para os pais a responsabilidade por ministrar aulas. Ocorre que tal alternativa não se reverteu positivamente, já que grande parte dos pais não tem como assumir essa responsabilidade, seja pela falta de conhecimento, seja pela falta de tempo, já que muitos trabalham o dia inteiro. A ajuda de pais ou terceiros, portanto, não funcionou de forma positiva.

É preciso destacar ainda a falta de habilidades e qualificação dos professores em relação às TICs, que também foi um dos diversos problemas enfrentados. Mesmo aqueles alunos que conseguiram acesso, relataram sobre as dificuldades do professor quanto ao uso da ferramenta digital. Isso demonstra que a escola continua totalmente alheia e mesmo omissa, em relação à sociedade que a cerca, trabalhando ainda de forma puramente técnica e livresca. Fica evidente, portanto, o total descumprimento do que foi proposto pelo Conselho Nacional da Educação. No caso do Conselho Nacional da Educação e do Conselho Municipal local, se faz necessário direcionar uma crítica: há uma preocupação muito grande com as Leis, Decretos e Resoluções, sem a garantia de sua efetivação. Ditar regras, sem apontar meios para atingir tais regras parece ter sido a solução encontrada e neste sentido, tudo fica no plano das propostas, mas raramente encontra lastro no contexto real.

Na escola investigada é possível destacar: I. Que o ensino remoto se reduziu a impressão de materiais entregues quinzenalmente; II. Que não houve preocupação em garantir o acesso a aulas remotas ou mesmo à pesquisa para os alunos; III. Que a comunidade em questão, sendo em grande maioria composta por alunos de baixo poder aquisitivo, não proporciona acesso gratuito à instrumentos tecnológicos, mesmo que há alguns anos atrás tenha sido beneficiada com um tele centro, que após instalação, foi retirado da comunidade sem explicação alguma; IV. Que houve certo conformismo por parte da comunidade, sendo este conformismo resultado de um estado de ‘auto culpa’ (eu não fui atendido por não ter um computador ou celular em casa. A culpa é minha); V. Que são latentes as dificuldades dos alunos e os prejuízos causados durante este período em termos de aprendizagem; VI. Que aos

professores também não foram garantidas as condições de acesso à comunidade nem aos alunos; e, por fim, VII. Que a escola, em plena era digital, continua blindada, funcionando como no século passado, totalmente desvinculado da realidade dos alunos e das imposições das novas TICs.

Diante do exposto, chega-se à conclusão de que é preciso repensar a escola. Para tanto, é preciso que os governantes deem mais ênfase a educação e a todos seus profissionais, visto que é direito por lei, o acesso à educação de qualidade para todos. A educação extrapola os muros das salas de aula, além de alunos, ela forma cidadãos, portanto não é suficiente, só tentar manter o vínculo dos alunos com a escola, para cumprir as metas estatísticas do sistema. A igualdade é outro assunto que precisa ser discutido com certa urgência. A simples inserção dos alunos na escola não garante esta igualdade. Entre os alunos das escolas públicas e privadas de uma mesma comunidade é possível perceber nitidamente a diferença no acesso e qualidade. E isso ficou bem mais explícito e cruel neste período de pandemia.

Os investimentos em educação precisam ir para além das obras de pedra e cal. Acesso a computadores, mídias, *softwares*, plataformas, programas nada disso deveriam estar longe da realidade escolar, porque faz parte da realidade social, embora que alguns tenham acesso com mais facilidade e outros não, mas a escola legalmente é um lugar onde todos devem ter os mesmos direitos, muito embora, como já posto, as leis pareçam afirmar, o que na prática não costuma ocorrer. A tão falada qualidade passa pela garantia de direitos, onde haja inclusão de forma total, com acesso a tecnologia para todos, pois a mesma está cada vez mais presente na vida das pessoas. A ausência do acesso provoca aversão ao uso. Entretanto, não podemos condenar as tecnologias e seu uso nas escolas, mas sim que seja apenas uma das ferramentas, usada como complementar e facilitadora, e não como substituta da presença da sala de aula e professores. Se há algo positivo no ensino remoto, e mais especificamente nos moldes em que ele aconteceu, é a certeza de que o professor é insubstituível, importante e indispensável.

REFERÊNCIAS

BRASIL. CNE aprova diretrizes para escolas durante a pandemia. *In: Portal MEC*. 2020. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/busca-geral/12-noticias/acoes-programas-e-projetos-637152388/89051-cne-aprova-diretrizes-para-escolas-durante-a-pandemia> Acesso em: 08 jun. 2020.

BRASIL. **Ministério da Saúde**. Disponível em: <https://coronavirus.saude.gov.br/sobre-a-doenca#o-que-e-covid>. Acesso em: 14 set. 2020.

BRASIL. **Atos do poder Executivo**. Medida provisória 934. Publicado em: 01/04/2020 | Edição: 63-A | Seção: 1 - Extra | Página: 1. Disponível em: [20Constitui%C3%A7%C3%A3o%20adota%20a,no%20C2%A7%201%C2%BA%20do%20art](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/2020/04/2020_04_01_0001.htm). Acesso em 14 de setembro de 2020, às 12h.

BRITO, J.; BERCOT, R.; HORELLOU-LAFARGE, C.; NEVES, M. Y.; OLIVEIRA, S.; ROTENBERG, L. Saúde, gênero e reconhecimento no trabalho das professoras: convergências e diferenças no Brasil e na França. *In: Physis Revista de Saúde Coletiva*. V. 23, n. 2, p. 589-605, 2020

CARVALHO, D. L. T. e, SOUZA J. J. B. Variações de Mensuração e Resultado em Pesquisas com Coleta de Dados por Questionário *On-line* e Impresso. *In: Revista Brasileira Pesqui Mark Opinião e Mídia [Internet]*. 2015; Available from: http://www.revistapmkt.com.br/Portals/9/Volumes/17/4_Variações de Mensuração e.

MARCONI, M.; LAKATOS, E. **Fundamentos de metodologia científica**. Editora Atlas S. A. 2003. 310 p.

MORÁN, J. **Mudando a educação com metodologias ativas**. Convergências Midiáticas, Educação e Cidadania: aproximações jovens: v. 2, p. 15-33, 2015.

MONTEIRO, Sandrelena da Silva. **(Re) inventar educação escolar no Brasil em tempos da covid-19**. *Rev. Augustus* | ISSN: 1981-1896 | Rio de Janeiro | v.25 | n. 51 | p. 237- 254 | jul./out. 2020. Disponível em: <https://revistas.unisuam.edu.br/index.php/revistaaugustus/article/view/552/301>. Acesso em 31 de maio de 2021 as 13:02h

PAIVA, M. R. F.; PARENTE, J. R. F.; BRANDÃO, I. R.; QUEIROZ, A. H. B. **Metodologias ativas de ensino aprendizagem: revisão integrativa**. Sanare, Sobral: v. 15, n. 2, p. 145-153, 2016.

Resultado em Pesquisas com Coleta de Dados por Questionário Online e Impresso - Português.pdf.

SANTOS, B. de S. **A cruel pedagogia do vírus**. Coimbra: Edições Almedina, S/A, 2020.